

Artistas jovens presentes no adeus ao pintor Ivan Serpa

Cercado de jovens artistas, como sempre viveu, e com o caixão coberto por uma bandeira do Flamengo, foi sepultado ontem, às 13 horas, no túmulo 234 da quadra 14, do Cemitério São João Batista, o pintor Ivã Serpa, de 50 anos, um dos principais representantes do movimento concretista brasileiro, no setor das artes plásticas.

A presença de muitos rapazes e moças — para todos os que acompanharam a cerimônia (cerca de 60 pessoas) — comprovou a importância do trabalho de Ivã Serpa no campo do ensino, onde procurou, com sua experiência, ensinar sem impor, o que caracterizou os vinte anos que dedicou à educação através da arte.

Homenagem

Junto à sepultura, três pessoas falaram sobre Ivã, sua vida e obra. Romeo de Paoli, pintor, Bruno Talsi, seu sócio no curso de pintura para crianças que mantinha em Ipanema; e sua filha Leila. Sua palavras foram recebidas com muito sentimento e ouvidas em silêncio, só interrompido pelos soluços de

Dona Lígia, esposa do pintor, e de seus outros filhos, Yves e Heraldo.

Muitos artistas, jovens e velhos, conhecidos e ainda sem fama (entre os quais Silvia Charrel; Aloísio Carvão, que representou o Museu de Arte Moderna; José Luis Janin, Lígia Bastos; Faya Ostrower; Abraão Palatinik; Giovana Bonino; Rubem Braitner, do Grupo B; e o crítico de artes e pintor Quirino Campofiorito.

Quirino, também professor da Escola de Belas Artes, falou sobre o homem e o artista Ivã Serpa, com quem conviveu durante muitos anos.

Expoente

— Ivã foi um expoente da pintura brasileira moderna. Sua obra é definitiva e ele teve a coragem de participar de todas as transformações sofridas pelas artes plásticas, no Brasil, nos últimos 20 anos. Jovem ainda, deixa um trabalho digno dos maiores mestres, prova de sua personalidade artística, que se realizou em toda a grandeza.

Para Quirino Campofiorito, Ivã Serpa conseguiu, sempre, ser grande como pintor, dese-

nhista e como homem, dono de uma grande personalidade. Ele lembrou uma passagem da vida de Ivã, da qual o pintor muito se orgulhava.

— Durante uma exposição realizada na ABI, sob o patrocínio da Unicef, os 20 trabalhos selecionados por Ivã, feitos por seus alunos, alcançaram o maior sucesso e foram elogiados por todos.

Professor

Em pouco tempo, Ivã Serpa passou de professor de Francês a pintor de destaque. A arte que dominou sua vida, manifestou-se, a princípio, através dos desenhos que fazia nas horas vagas. Decidiu-se mesmo quando tornou-se aluno de Axel Leskcochesk, que já havia ensinado a pessoas como Faiga Ostrower, Décio Vieira, e Almir Mavignier.

O reconhecimento do seu valor levou apenas quatro anos. Em 1951, foi premiado na I Bienal de São Paulo. Foi então que mudou sua característica: das paisagens com árvores, passou para o movimento concretista, formando o Grupo Frente, que atraiu artistas do porte de

Lígia Pape, João José, Aloísio Carvão e Hélio Oiticica.

Fase negra

Seu melhor período artístico foi a chamada Fase Negra, de 1963 a 1964, quando Ivã Serpa voltou-se para os temas políticos e sua obra passou a retratar os problemas mundiais. A guerra do Vietnã assumiu, então, grandes proporções na sua pintura.

Recentemente, havia adotado o erotismo como fonte criadora, considerando-o tão válido como forma de expressão quanto os demais, "desde que tratado com autenticidade".

Para Ivã Serpa, o maior prêmio que poderia receber era a compreensão da juventude, dos seus alunos, aos quais dedicou os últimos vinte anos. Mas sua arte mereceu elogios da crítica e ele foi premiado cinco vezes: a primeira, em 1951, na I Bienal de São Paulo; depois, o prêmio de Viagem à Europa; o "Ardea", da VI Bienal de São Paulo; o "Esou", do X Salão Nacional de Arte Moderna; o "Prêmio Jornal do Brasil", na Galeria Barcinski.